

Resenha

SEMIÓTICA E PSICANÁLISE: UMA CONVERGÊNCIA DESEJADA

Resenha de SANTAELLA, Lucia e
HISGAIL, Fani (Orgs.). *Semiótica
psicanalítica: clínica da cultura*. São Paulo:
Iluminuras, 2013. 246 p.

Eliane Vasconcelos Diógenes

Psicanalista. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre e doutoranda em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora nos cursos de Psicologia e de Teatro e Artes Visuais na Universidade de Fortaleza (Unifor). Desenvolve pesquisas nas áreas de Psicanálise, Cinema Documentário, Comunicação e Semiótica.
E-mail: elianevd@uol.com.br

O livro *Semiótica psicanalítica: clínica da cultura* (SANTAELLA e HISGAIL, 2013) é um desdobramento do percurso de pesquisas fundamentadas na convergência epistemológica entre Semiótica (Charles Peirce) e Psicanálise (Jacques Lacan). Em 1987, a semioticista Lucia Santaella e a psicanalista Samira Chalub apresentaram essa proposta teórico-metodológica para a análise de obras imagéticas desde o mundo industrial mecânico ao eletrônico pós-moderno. Essa iniciativa de estudo inspirou uma série de dissertações e teses no programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São

Paulo (PUC-SP). Além disso, foram fundados o Centro de Estudos em Semiótica e Psicanálise (CESPUC-SP) e o curso de especialização Semiótica Psicanalítica: Clínica da Cultura, coordenados pelo psicanalista e professor Oscar Cesarotto.

Os artigos publicados nessa coletânea dialogam sobre as possibilidades de leitura dos signos culturais por meio da lente dos três registros da experiência humana formalizados por Jacques Lacan (real, simbólico e imaginário), aliados às categorias semióticas trabalhadas por Charles Peirce (primeiridade, secundidade e terceiridade). Esses conceitos estão na base de um modo de ler os sintomas do mal-estar na cultura contemporânea. A Semiótica, de extração psicanalítica, explora as interferências pertinentes e impertinentes do desejo e do gozo na rede de signos culturais.

Na primeira parte do livro, os artigos abordam os principais operadores conceituais, que fundamentam essa proposta teórico-metodológica. As demais seções apresentam trabalhos que discutem sua viabilização na leitura dos signos culturais. A divisão temática se estabelece do seguinte modo: o cinema como porta-voz dos sintomas culturais, inscrições do inconsciente no corpo e interpelações da Psicanálise às mídias.

Dois capítulos são destinados aos esclarecimentos de Lucia Santaella sobre as aproximações entre Semiótica e Psicanálise. Ela destaca que Lacan, ao conceber a linguagem

como primordial na estruturação do sujeito, cria um polo de atração com a Semiótica. A teoria psicanalítica está mais próxima das indagações semióticas do que da Linguística, porque o modo como a Semiótica define o verbal parte da trama inextricável entre traços verbais e não verbais, tese cara para Lacan em sua proposição de articulação entre imaginário, simbólico e real. O sistema peirciano fornece subsídios lógicos para o reconhecimento na teoria lacaniana de um tipo de semiose. A correlação se estabelece entre Imaginário e Primeridade, Real e Secundidade, Simbólico e Terceiridade. Nessa perspectiva, a autora aponta a possibilidade de pensar a seguinte articulação: a pulsão, que está sob a dominância do Real, localizada na posição lógica do Objeto; a demanda de amor, que está sob a dominância do Imaginário, situada na posição do Signo; e o desejo, sob a dominância do Simbólico, situado na posição do Interpretante.

No terceiro capítulo, o semioticista Winfried Nöth examina de maneira elucidativa os elementos semióticos na obra de Jacques Lacan, assinalando suas subversões e sua potência de pensamento. Explica como a teoria do signo de Ferdinand Saussure inspirou o pensamento lacaniano, porém, demonstra as rupturas implicadas nessa articulação. Identifica afinidades entre o modelo de signo de Peirce (ícone, índice e símbolo) e de Lacan (imagem, índice e símbolo), mas também sublinha as diferenças entre essas proposições. Desse modo, o autor focaliza as premissas, que delimitam de forma específica a Semiótica de extração psicanalítica: concepção de linguagem, conceito de sujeito, de

alíngua, de significante e de significado. Essas argumentações também conduzem ao postulado de uma teoria da comunicação implícita na Psicanálise lacaniana.

No sexto capítulo, o historiador Clóvis Pereira examina o fetichismo da mercadoria no capitalismo, resgatando as reflexões de Slavoj Žižek referentes à homologia fundamental entre Marx e Freud. Esse debate demarca o fetichismo como um sintoma, um sinal de outra cena: um deslocamento da relação entre trabalhos para a relação entre objetos, o que também implica o deslocamento da libido para os objetos. O autor explora o conceito de fetichismo na Psicanálise para desmascarar a dinâmica perversa do capitalismo em sua oferta de objetos, carregados de promessa quanto à negação da castração, à supressão da falta. Clóvis Pereira assinala que essa reflexão não almeja a defesa de uma sociedade sem objetos, porém, pretende criticar a exaltação do objeto como um feitiço para suturar o real, os impossíveis de nossa existência.

Nas discussões sobre o cinema como porta-voz dos sintomas culturais, o psicanalista João Angelo Fantini explora, baseado na Semiótica de extração psicanalítica, um tema muito caro do campo da comunicação: o conceito de espectador, especialmente, a relação do espectador com as imagens. O autor reflete criticamente sobre a perspectiva de deslocamento da posição passiva para a condição de programador ativo e crítico nos novos regimes de subjetividade proporcionados pelo cinema em terceira dimensão, games, *gadgets* e ciberespaço. O texto problematiza o potencial libertador dessa nova condição de

recepção. Essa ressalva advém da afirmação da Psicanálise de que a realidade é estruturada e suportada pelo fantasma, o que implica dizer que, seja espectador, navegador, *player* ou avatar, “existe uma mediação (um impossível) entre sujeito e realidade, resultando que a realidade é apresentada como uma forma de ficção” (p. 145).

No texto do psicanalista Eduardo Leite, o cinema dos irmãos Ethan e Joe Cohen aparece como oportunidade para pensar com a Psicanálise, com a leitura lacaniana de Freud, a tríade conceitual: eu ideal, ideal de eu e superego. Partindo da recusa de usar a narrativa fílmica como ilustração de noções psicanalíticas, o autor sublinha a potência desse cinema para questionar os discursos sobre o laço social no contemporâneo, particularmente a questão da violência nas sociedades marcadamente urbanas. Ele nos indica que a Semiótica de extração psicanalítica aborda uma obra como sublimação, como provocadora de questões extremamente valiosas aos saberes sobre o homem.

No debate sobre as inscrições do inconsciente no corpo, o psicanalista Geraldino Ferreira Neto, inspirado nas tatuagens de um rapaz, que ostentava no braço direito “*I love you*” e no braço esquerdo “*I hate you*”, coloca essa inscrição no corpo como um objeto de análise da semiótica psicanalítica, salientando os motivos inconscientes implicados nessas marcas tatuadas, certo rastro do retorno do recalcado. Ao trafegar em obras fundamentais de Freud e Lacan sobre a metáfora do amor, o enigma da feminilidade, o autor nos

aponta a presença não contraditória, inseparável, intercambiável do amor e do ódio relampejando na lógica do fantasma, do inconsciente.

Da caminhada cotidiana de um rapaz rumo às padarias, o texto da psicanalista Fani Hisgail se envereda em focalizar um sintoma tão discutido na cultura contemporânea: o sobrepeso e a obesidade da população. Ao abordar a intrincada rede de discursos debruçada em investigar esse sintoma, a autora aguça nosso olhar, a partir da semiótica psicanalítica, para o quanto a gula é fonte do gozo do Outro, ou seja, da ordem inconsciente de prazer e sofrimento. Desconsiderar esse aspecto acarreta ações culturais ingênuas e infrutíferas.

Nas interpelações da Psicanálise às mídias, o psicanalista Cláudio Montoto escolhe analisar um sintoma tão intenso da cultura contemporânea: as mídias sociais. São examinados aspectos fundamentais implicados nessa operação de compartilhamentos de experiências: o horror da invisibilidade, a urgência de relatar experiências pessoais na rede, a velocidade do tempo no ato de transmitir essa vivência e o estar à disposição a todo instante. O autor nos alerta em relação à nossa incapacidade ou dificuldade de suportar a frustração, ou seja, nossa peleja para preencher a completude do Outro, seja Mídia, Mercado, Moda, Marketing...

Já o psicanalista Paulo Kardous opta por estudar as articulações entre os imperativos da publicidade e os conceitos fundamentais da Psicanálise lacaniana de Outro, desejo do Outro, objeto “a” e fantasia. O autor explicita a tese lacaniana de que o desejo humano é o

desejo do Outro, retomando o entendimento de que a criança monta sua posição fantasmática ao se colocar no lugar de objeto do desejo do Outro, referência ao furo, à falta da mãe. Montagem que servirá de matriz para todas as fantasias. Kardous também resgata o desenvolvimento teórico lacaniano sobre o objeto causa do desejo e o objeto mais de gozar, destacando a busca do sujeito por objetos similares na engrenagem das estratégias da publicidade.

Assim, o leitor caminha pelo livro descobrindo em cada texto uma possibilidade de leitura psicanalítica dos signos culturais. Surpreendendo-se com a diversidade de pesquisa no campo da semiótica psicanalítica. Em cada artigo, o leitor se depara com a ousadia dos autores ao se aventurar na exploração da potência do discurso psicanalítico fora do território da clínica individual; sem cair na cilada de ver a cultura como uma mera ilustração da Psicanálise. Eles sublinham as contribuições da Psicanálise lacaniana para debater questões tão urgentes referentes ao sujeito na cultura atual.

As discussões suspendem as certezas de certos posicionamentos discursivos culturais, deslocam o olhar do leitor, provocam um pensamento mais complexo sobre sintomas que circulam, trafegam, propagam-se na algazarra da cultura contemporânea. No final da leitura emerge o desejo pelo segundo volume, brota o desejo de ler mais, saber mais, provar mais da força da Psicanálise para problematizar, tumultuar a orquestra de leituras dogmáticas, moralistas, dos sintomas da cultura, e, assim, escapar de tantas ignorâncias em relação às artimanhas do desejo e do gozo.

Referência

SANTAELLA, Lucia; HISGAIL, Fani (Org.).
Semiótica psicanalítica: clínica da cultura. São Paulo: Iluminuras, 2013. 246 p.

Recebido em 4/5/2015; Aprovado em 10/7/2015.